

GENTE DA CIDADE



*Lourdes Lessa,
arquivologista*

Maria de LOURDES Paes de Lemos LESSA nasceu e viveu os primeiros três anos em Buenos Aires, onde seu pai era adido naval; depois de uma curta estada em Alagoas (o pai na Capitania do Pôrto) veio para o Rio, ou melhor, para a Urca, onde vive até hoje. Mãe carioca, pai evidentemente almirante (e alagoano), uma irmã casada e outra solteira, um irmão. E 11 anos de Sacré Coeur, onde conheceu Nilza Vasconcelos e (mais jovens) Gisá Faria e Marilú Montenegro. Amigas de infância e de tôda a vida: Ely Fasanelo, Maria Cecília Rocha Faria Silveira, Julieta Bernacchi Aranha. Outras amizades: uma das impressionantes listas do Brasil, abrangendo a alta burguesia, políticos e diplomatas, classe média, proletários, poetas, contínuos e boêmios de várias raças, côres e condições.

Depois do Sacré Coeur, vários cursos — literatura, enfermagem, filosofia, línguas — até que o pai resolve permitir que ela trabalhe e, em 1944, depois de um tremendo concurso que jamais se repetiu, entra para o Itamarati como “arquivologista”, o que não sabemos exatamente o que é, mas no vocabulário do DASP é evidentemente muito mais grave do que “arquivista”. Lourdes “arquivolojou” algum tempo, funcionou muito no Cerimonial pageando visitantes ilustres como Eisenhower, Mark Clark, Eaker, lord Boyd Orr; em 1945 foi convidada para secretária do sr. Lourival Fontes, Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República. Trabalha 8 a 10 horas por dia — frequentemente mais — e ninguém sabe onde arranja tempo, saúde e notavelmente bom humor para dar um longo expediente cordial e boêmio, incluindo manhãs de praia, jantares de cerimônia, noites de bar e madrugadas de “boite”. É considerada uma das pessoas mais eficientes, expeditas e bem informadas do Palácio do Catete e também a mais imune ao “espírito da Casa” (que no caso tanto pode ser o Catete como o Itamarati) e consegue ser leal e discreta sem nenhum ar misterioso, tanto com seus amigos da alta governança como com a gente da oposição.



O CÉU

Deitar na praia de noite, ficar olhando o céu, vendo as estrelas. Então a gente ruma vagas noções de astronomia e, com certeza, se lembra da infância, do amor, do destino. Não, isso eu não aconselho a você.

Talvez seja bom que a gente se sinta humilde diante desse mundo misterioso e infinito. Mas a consciência dessa humildade contém um certo orgulho. E também a gente pensa muita coisa que não sabe pensar.

Muito melhor é deitar nesta rede, assim pelas quatro da tarde e ficar olhando o céu da tarde de maio. O céu não tem mistério, é simples e azul como uma blusa de menino. A luz é tênue e loura; passam pequenas nuvens brancas, vagabundas.

Você imagina apenas que seria doce voar. A terra deixa de existir do mesmo jeito, mas em seu lugar não tem nenhuma pergunta nem aflição; apenas você se deixa levar com preguiça pelo céu azul.

E eu às vezes tenho vontade de explicar a um se-

nhor de pouca imaginação que tem o ar de aborrecer e está se queixando das fitas de cinema, do “show” caro a que foi assistir:

“— Descobri uma coisa formidável, meu velho. Tenha a bondade de levantar a cabeça. Está vendo aquela árvore? É mais para cima. Está vendo agora? Hein, não está vendo nada? Ali, olhe. Não está enxergando nada? Você é cego? É o céu! Já tinha visto alguma vez?”

Tenho vontade de dizer isso, mas tenho vergonha. Mas a você eu conto minha descoberta. Sou um homem extraordinariamente rico: tenho uma janela para leste. Neste momento em que escrevo disponho de duas nuvens brancas. Não são muito grandes, mas são lindas. Posso imaginar você voando lentamente de uma para outra. De repente me acode que estou pensando uma tolice. Mas estou sózinho na rede, é doce pensar tolices. Se eu lhe contasse isso você riria, com seu riso que faz encolher o ombro esquerdo. O direito, não. Seu ombro direito é sério.

Fico pensando em você. Adeus, céu, gaivotas, nuvens. Estou sério, parado, triste, pensando em você.

ASCENÇÃO

DE REINALDO MOURA

*Na rua longa cinzenta
Da cidade tentacular
Diante de paredões altos como desdêns,
Entre árvores urbanas,
O homem sentimental parou ouvindo a voz dos anjos*

*Era um Internato.
Das janelas de cima, sob o crepúsculo,
Vinham vozes vígens.
E tôdas as vozes se misturavam numa só voz de ascensão
[religiosa]*

*Que parecia um vôo azul dentro da tarde triste.
O homem sentiu asas em tórno,
Asas invisíveis de coisas vagas e profundas,
Asas de Sonho.
E prolongou seu pensamento veloz para o céu e para os
[lírios]*

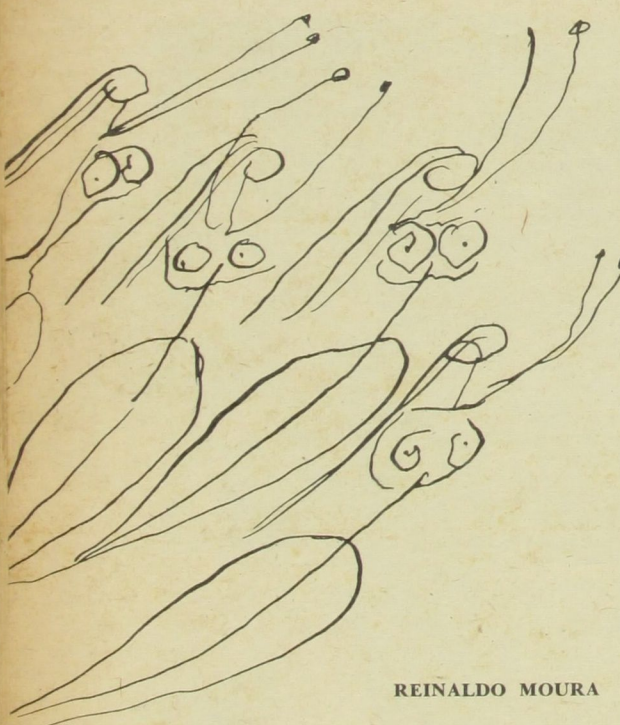
*Para o aroma branco das virgens
Para os losangos coloridos dos vitrais.
Mas o pensamento era insignificante dentro da redoma do
[cântico]*

*Então o homem prolongou o coração como um raio dentro
[do frêmito da música]*

*Para a hóstia da música
Que vinha da garganta pura das enclausuradas,
E teve a sensação vespéral
De que tôdas aquelas vozes de anjos reunidas na luz
[diante da música do órgão]*

*Eram apelos frementes,
Lancinantes,
De corpos nupciais ansiosamente amanhecendo,
Castidades angustiadas, açucenais,
Desfeitas em flamas de incenso
Sob o olhar frio das Santas e das Irmãs.*

*Um cipreste escuro erguia na tarde murcha
A sombra esguia como a morte,
E havia rosas no jardim do Internato.
Então o homem amou a glória pura daquele desejo
Que punha na eternidade o seu minuto de ascensão.*



REINALDO MOURA

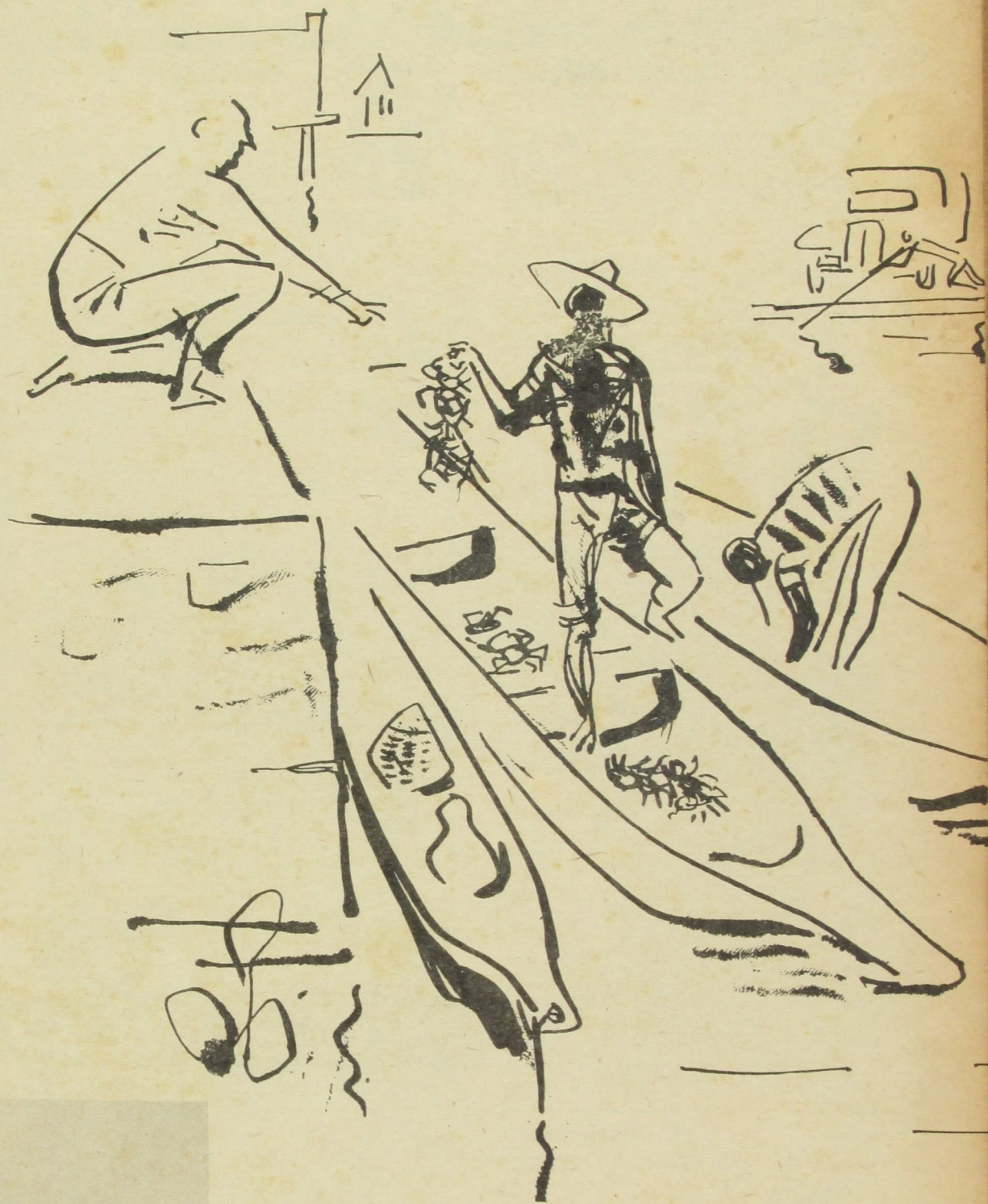
Nascido em 1901 em Santa Maria, Rio Grande do Sul, começou a escrever na imprensa de Pôrto Alegre; seu primeiro livro foi uma novela “forte”, “A Roda dos Anjos”, cuja edição o autor mais tarde andou recolhendo. Publicou depois “Outono”, onde há poemas a Francis James e a Eduardo Guimaraens, e onde fomos buscar esta “Ascensão”, poema escrito há uns 20 anos.

● No soneto de R. B. aqui transcrito apareceu “lavados” no lugar de “lavados”.

Ajuda toda gente que pode ajudar, e acha que uma das grandes alegrias da vida é esta. Nada bem, dança samba como a melhor das pastorinhas, e acha que dos 10 homens mais elegantes do Brasil o principal é o coronel Gilberto Marinho, que a pessoa de maior "charme" no país é Vinicius de Moraes e a mais simpática é Paulo Carneiro, sendo que se engana nesta última opinião, porque a pessoa mais simpática é (evidentemente!) Beatriz Carneiro.

Conhece os Estados Unidos e a Europa, tendo funcionado em 51 e 52 na conferência da ONU, e em 53 em Bonn, na Missão Econômica João Alberto. É míope sem complexo, colocaria, se deixassem, no Livro de Mérito, com o melhor de sua classe, o garção Alberto, do Copacabana, e acha que o grande morto de 53 foi o chauffeur Romeu.

Para provar a solidez de sua organização: conseguiu fazer regime perdendo 6 quilos e meio em um mês sem perder o bom humor. Sabe tratar da maneira mais adequada e ao mesmo tempo mais naturalmente agradável tanto o Papa ou a Rainha da Inglaterra, como um gari ou um menino mendigo, disse que o filme que mais a fez chorar foi, quando era menina, "Stella Dallas" ("não queria sair do cinema, queria chorar o filme todinho outra vez") e pode ser muito sensível à linsonja se o adulator souber que não deve elogiá-la, mas à sua encantadora irmã mais moça, Ana Rosa. Dos amores disse nada.



CONCURSO DE TRADUÇÕES

A comissão julgadora do concurso de traduções de um soneto de Cummings, aberto nesta secção, ficou constituída de três poetas que são também três excelentes tradutores de poesia inglesa: Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Onestaldo de Pennafort. Os dois últimos já leram todas as traduções, em número de 71; acabam de as entregar a Cecília Meireles; mais tarde os três se reunirão para trocar impressões e decidir sobre os prêmios. Esperamos, assim, já no próximo número, ou no seguinte, publicar o juízo da comissão.

CARYBÉ NO INTERIOR CAPIXABA

Em companhia do redator destas páginas, o desenhista Carybé andou viajando pelo interior do Estado do Espírito Santo, colhendo notas para ilustração de um livro que será uma espécie de roteiro da terra e da vida capixabas. Aqui está um flagrante do comércio humilde na velha São Mateus: um vendedor de caranguejo subiu o rio na sua canoa para vender na cidade. Carybé fez um total de 110 desenhos para esse livro, que será editado pelo governo do Estado.

ANAHORY VOLTA

Eduardo Anahory foi passar as festas de fim de ano em Portugal, sua terra. Mas já voltou ao Brasil e reassume hoje seu trabalho nestas páginas.